

Coro da Hospitalidade

1.

É grande, sim, e redondo este mundo em que vivemos,
criado no tempo dos tempos, no claro início de tudo,
sem fronteiras e sem muros, sem portões e sem ameias,
feito de terras sem donos, sem divisões e sem marcos,
para que nele habitassem os seres vivos e humanos
e assim no chão que é de todos encontrassem o sustento,
um leito para dormir, casa para viver,
mesa para comer e um espaço para repousar
depois de uma dura vida de labuta e movimento.

É tão imenso este mundo, e é de todos e ninguém,
com seus rios, suas montanhas, plantas, peixes e ar,
e a muita luz dos seus dias, e as gentes de tantas cores,
e alegrias e tristezas, e dores, sonhos, paixões.

Tanta estrada tem o mundo para o nosso caminhar
muitas praças, muitos cantos, muitas estrelas no céu,
muitos rostos, muitos corpos, muitas palavras diferentes
para chamar um irmão e sentir o seu sorriso,
as palmas das mãos abertas com um simples cesto de pão.

Somos casa uns dos outros, uns dos outros a morada,
somos o chão e o teto e o regaço que acolhe
o que na sua diferença humanamente nos olha,
hóspedes todos uns dos outros, somos todos hospedagem,
migrantes do espaço e do tempo, somos hospitalidade.

2.

*— Símbolo chamaram os gregos
aos pedaços da tabuinha
que hóspedes e hospedeiros
dividiam entre si
para mais tarde juntarem
numa nova hospedagem.*

*— Símbolos somos nós todos
simples símbolos uns dos outros
que só reunidos se acabam,
incompletos que somos,
fragmentada finitude.*

Todo o símbolo é expressão da pura hospitalidade
e é também hospitalidade o nome certo da vida,
da terra que todos somos, da comum humanidade.

3.

*— Próximo chamou Jesus
ao seu bom samaritano
que socorreu o ferido
que ladrões abandonaram
meio-morto, à beira da estrada,
e de que um padre e um levita
não quiseram nem cuidar.*

É próximo o hospedeiro de quem precisa de abrigo
de quem precisa de cura, de cuidado ou de morada,
de quem sabe que é humana a casa da hospitalidade.

4.

*— Atithi chamam na Índia
ao hóspede viajante,
sem tempo certo pra vir
e sem data de visita,
que repousa fatigado
ao lado da nossa casa
e também mehman se chama
o que tem cuidado mútuo
para quem com ele se cruza
e praghuna, um outro nome
de quem oferece ou se dá,
sendo o culto hospitaleiro
entre os homens e entre os deuses
prescrito nos livros antigos
de práticas e de costumes.*

Acolher, ser acolhido, oferecer e receber
quem do mundo faz a casa e dos caminhos morada
na gratuidade do dom, sem olhar ao seu retorno,
é direito e é dever de quem se chama humano
que do húmus tem seu nome e nele encontra o destino,
pois da terra somos feitos e à terra voltaremos.

5.

*— Criaram os judeus errantes
suas cidades-refúgio
pra proteger perseguidos
da injustiça do poder
das contravoltas da vida...*

*— E nas regiões do Cáucaso
significava kounatzkaia
apenas "casa do amigo"
onde dormiam os hóspedes
e onde alegres conviviam
dançavam e festejavam
com a família hospedeira.*

Hospitalidade aberta acolhendo o que é outro,
seja próximo ou distante, seja amigo ou estrangeiro,
perseguido pela fome, por armas ou injustiça,
pela cegueira dos homens que ergueram barreiras no mundo
retalhando os seus espaços como não sendo comum
a grande casa sem donos em que todos nós moramos.

6.

*— E nos tempos medievais
para pobres, peregrinos
estrangeiros e cruzados
doentes e foragidos
junto de algumas igrejas
abadias e mosteiros
nasceram as hospedarias
e depois os hospitais*

*que eram casas de abrigo
de quem por razões de ofício
da desdita ou da fortuna
faz dos passos desta vida
eterna peregrinação:
a mesa, o teto e o pão
como dons hospitaleiros.*

7.

Grande e estranho lugar é o mundo em que vivemos
e frágeis nós, os humanos, na aventura que é o tempo,
nas dores que nos atingem e nas feridas que sofremos
por outros homens rasgadas e por guerras e por ventos,
pelo mar e a natureza, por deuses que não sabemos,
enquanto os filhos nos morrem à beira dos nossos abismos.

Aqui estamos por empréstimo como quem está de passagem...
Mais não somos do que a busca de um aceno ou de um olhar
que nos ofereça o regaço do calor do nosso berço,
do colo da nossa mãe, do abraço de um irmão.

E somos todos diferentes, mas somos todos iguais,
todos outros uns dos outros, iguais no sal das lágrimas,
no suor do nosso rosto, no sangue pulsando nas veias.
Não somos esferas fechadas, nem paredes sem janelas,
não somos espelhos de imagens, repetidas, decalcadas
em cópias a preto e branco no rosto pardo da vida:
somos antes a diferença, nas ideias e nas vozes,
e na memória dos cantos e no corpo dos poemas,
somos um caleidoscópio inventando novas formas
de um mundo sempre diferente nos abraços dos amantes,
somos a pele marcada pela história que nos fez,
somos a escrita da noite, o cheiro quente da terra,
ideias e pensamentos com outras cordas tecidos,
e só queremos um espaço no coração da verdade
em que possamos dançar, ao som do mar oceano,
nossos sonhos, nossos gestos e o nosso contentamento.

Queremos só uma casa com o tamanho do mundo,
uma casa como um templo de entrada livre e sagrada,
sem limite ou condição e sem prazo no futuro,
com este nome tão simples, com este nome tão puro:
Casa de Hospitalidade.

Paradela da Cortiça, outubro de 2021

João Maria André